

An illustration of a hand in a blue sleeve pointing at a laptop keyboard. A magnifying glass effect is shown over the keyboard area, with a small red circle and a plus sign above it. The background is a dark blue gradient with a pattern of white dots on the right side.

guia tá na rede!

O que vira é
navegar com
segurança

Para
famílias e
educadores

guia tá na rede!

Equipe

Coordenação: Elaine Souza

Analista de projeto: Viviane Delgado

Educomunicadora: Carolina Nascimento

Parceiros técnicos: Rede Conhecimento Social
Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE-USP)

Expediente

Coordenação editorial: Vânia Correia e Viviane Delgado

Redação: Adriana Carrer, Áurea Lopes, Elaine Souza,
Jenny de La Rosa, Juliane Cruz, Luíza Giancesella,
Mariana Assis, Monise Berno, Pedro Neves,
Vânia Correia e Viviane Delgado

Edição e Revisão: Jéssica Rezende e Pedro Neves

Revisão técnica: Julci Rocha

Diagramação: Manuela Ribeiro

Vetores: Upklyak | www.freepik.com

Viração Educomunicação

Rua Araújo, 124, 2º andar

São Paulo – SP – 01220-020

Telefone: 11 3237 4091

E-mail: redacao@viracao.org

www.viracao.org | [@viracaoeducom](https://www.instagram.com/viracaoeducom)



Este Guia é uma produção do Projeto Consulta Brasil, uma iniciativa da Viração realizada via convênio com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, por meio da sua Diretoria de Promoção e Fortalecimento dos Direitos da Criança e do Adolescente – Termo de Fomento N.º 876176/2018.

Apresentação

A última edição da pesquisa TIC Kids Online Brasil mostra que 89% da população de 9 a 17 anos é usuária de internet no país – o que equivale a 24,3 milhões de crianças e adolescentes conectados. Esse percentual é menor em áreas rurais (75%), nas regiões Norte e Nordeste (79%) e entre meninas e meninos das classes D/E (80%), o que reflete as persistentes desigualdades socioeconômicas do país.

O uso crescente da internet e das tecnologias digitais por crianças e adolescentes compõe um cenário de oportunidades e de riscos em relação à promoção, proteção e garantia dos seus direitos. Se por um lado o mundo virtual proporciona múltiplas experiências de socialização, aprendizagem e entretenimento, ele também pode trazer ameaças para a segurança e o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

O **Guia Tá na Rede!** pretende contribuir com famílias, educadores e outros atores do Sistema de Garantia de Direitos na realização de ações que visem assegurar a proteção online de crianças e adolescentes.

Aqui você encontra uma série de textos que abordam desafios e recomendações para promover o uso seguro, criativo e cidadão da internet e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) por meninas e meninos. E também um conjunto de roteiros de atividades para desenvolver com crianças e adolescentes e fomentar a relação saudável com o mundo digital. Por fim, na caixa de ferramentas, você tem à mão diversas dicas de outros materiais sobre o tema.

A ideia é que este Guia sirva de material de pesquisa e apoio para a execução de ações educacionais nos diversos espaços comunitários de socialização entre crianças e adolescentes.

Boa leitura!

Sumário

Um pouco sobre a Vira, 5
Conheça o projeto Consulta Brasil, 6

seção 1

As Tecnologias da Informação e Comunicação na vida de crianças e adolescentes, 10

A relação com as TIC:
Desafios para uma mediação responsável, dialógica e criativa, 14

Oportunidades e desafios no mundo digital, 16

A internet é um direito de todas as pessoas! 18

Saúde emocional em tempos de likes e autoafirmação nas redes, 21

Discurso de ódio e cyberbullying: o que é e como enfrentar? 24

Abuso sexual na internet: os riscos para crianças e adolescentes, 27

Exposição de dados, privacidade online e nossa sombra digital, 30

Fake News: das disputas por audiência ao negócio da desinformação, 33

seção 2

Vamos para a parte prática? 38

Oficinas

1. Relação com a internet, 39
2. Privacidade e exposição virtual, 40
3. Exposição virtual e rastro digital, 41
4. Segurança na internet, 42
5. Cyberbullying e discurso de ódio, 45
6. Fake News I, 46
7. Fake News II, 47
8. Cidadania digital e ciberativismo, 48

seção 3

Caixa de ferramentas, 49

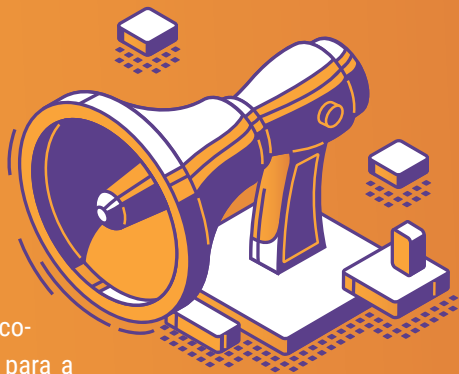
Um pouco sobre a Vira

Viração Educomunicação é uma organização social sem fins lucrativos que atua com comunicação, educação e mobilização social para a promoção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens.

Tem como missão conectar, inspirar e engajar meninas e meninos na construção de uma sociedade justa, participativa e plural. Como visão e expectativas de futuro, pretende contribuir para que crianças, adolescentes e jovens tenham direitos garantidos e participem da transformação socioambiental do mundo.

Nasceu em março de 2003 como um projeto social impresso – a Revista Viração, que contribui tanto para a formação e engajamento, quanto para a ampliação da expressão infantojuvenil na sociedade brasileira. Desde então, a organização desenvolve programas, projetos e ações no campo da comunicação, educação e mobilização social em diferentes regiões do país e do mundo, abordando temas relevantes ao contexto juvenil contemporâneo, tais como direitos humanos, direitos sexuais e direitos reprodutivos, participação cidadã, mudanças climáticas, internet e tecnologias digitais, dentre outros.

Ao longo dos seus 18 anos de vida, a Vira recebeu 11 prêmios e menções honrosas, no Brasil e no exterior, pelos seus produtos de comunicação e ações de mobilização juvenil. Os mais recentes foram o Selo de Direitos Humanos e Diversidade, concedido pela Prefeitura de São Paulo, em 2019 e o Prêmio Betinho de Cidadania, em 2017. Em 2015, a organização foi reconhecida pelo Ministério da Educação como uma instituição inovadora e criativa no campo da educação.



Saiba mais

www.viracao.org

<https://www.facebook.com/viracao.educomunicacao/>

<https://www.instagram.com/viracaoeducom/>

<https://twitter.com/viracaoeducom>

Conheça o projeto Consulta Brasil

O Guia que você tem em mãos é uma realização do projeto **Consulta Brasil: o que as crianças e adolescentes têm a dizer sobre o uso das TIC**, que tem como objetivo assegurar que milhões de meninas e meninos acessem a internet e as tecnologias digitais de forma protegida e ética.

Trata-se de uma iniciativa da Viração que promoveu ações de mobilização, formação e pesquisa participativa com o público infantojuvenil, a respeito do uso da internet e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A partir disso, reuniu insumos para a criação de materiais didáticos em formato multimídias, com o objetivo de apoiar famílias, educadores e outros atores do Sistema de Garantia de Direitos – além das próprias crianças e adolescentes – para uma interação segura, criativa e cidadã no mundo virtual.

O Consulta Brasil é realizado via convênio com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, por meio da sua Diretoria de Promoção e Fortalecimento dos Direitos da Criança e do Adolescente. Também tem parceria com a Rede Conhecimento Social, o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e instituições educacionais públicas e privadas de dez municípios brasileiros, onde foram implementadas parte das ações.

Como aconteceu?

As ações do projeto acontecem em quatro etapas. A primeira delas compreendeu a realização de atividades de formação e diagnóstico participativo com crianças e adolescentes de dez municípios, nas cinco regiões do país. Para isso contou com a equipe da Rede Conhecimento Social – organização social que desenvolveu a metodologia **PerguntAção**. O método favorece o envolvimento do público pesquisado em todas as etapas do processo: a reflexão a respeito do tema, a concepção do questionário de pesquisa, a mobilização para a coleta de respostas e a análise dos resultados. Foram aplicados mais de 2.000 questionários junto a crianças e adolescentes dos dez municípios participantes.

Já a pesquisa virtual aconteceu por meio do **U-Report Brasil**, um programa do UNICEF que utiliza ferramentas virtuais para promover diálogos e consultas online com adolescentes e jovens. Nessa fase, quase 7.000 adolescentes de todo Brasil responderam às enquetes divulgadas virtualmente pelo Consulta Brasil.

A segunda etapa corresponde ao tratamento e reflexão sobre os dados levantados nas pesquisas. Para isso, além de encontros com as próprias crianças e adolescentes, a Viração promoveu diálogos com especialistas.

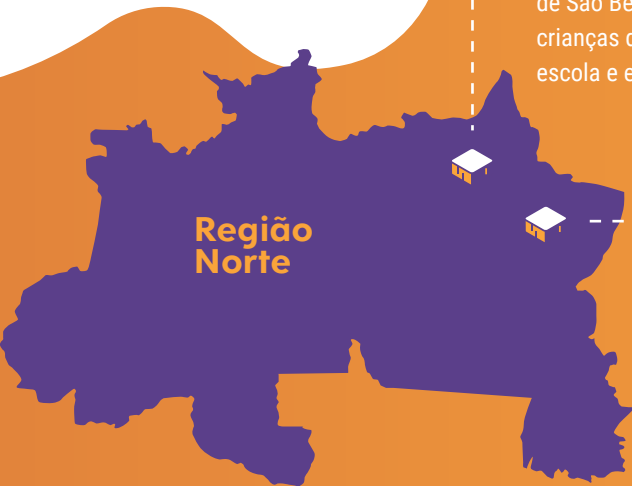
Já na terceira etapa foram produzidos materiais multimídias para disseminar informações, estratégias e recomendações que fortaleçam ações de prevenção dos riscos online para crianças e adolescentes e fomentar o uso seguro, criativo e cidadão da internet e das tecnologias digitais. Foram produzidos, além deste Guia, uma edição voltada para meninas e meninos e uma websérie.

A última etapa consiste na disseminação dos materiais produzidos e na realização de eventos para aprofundar e fortalecer diálogos sobre segurança e cidadania digital de crianças e adolescentes, junto a públicos estratégicos.

O conjunto de ações do Consulta Brasil busca que crianças e adolescentes, usuários da internet, tenham condições para analisar e refletir a respeito dos conteúdos pelos quais são impactados; adotem comportamento crítico e seguro nas interações virtuais; conheçam os seus direitos pautados pelo ECA; se fortaleçam para o enfrentamento aos discursos de ódio e intolerância disseminados pela web e saibam fazer uso mais consciente e potente dos dispositivos tecnológicos comunicacionais.



Mapa das Escolas



E.M. Campina de São Benedito

Macapá / AP

Localizada na área rural de Macapá, na pequena e distante comunidade de Campina de São Benedito do Pacuí, a escola atende crianças de toda a região oferecendo pré escola e ensino fundamental anos iniciais.

E.E.E.M. Alexandre Zacharias de Assunção

Belém / PA

Escola atende adolescentes no ensino médio, por isso, foram convidadas crianças e adolescentes de outras duas instituições para compor o grupo da oficina, foram elas: ONG Lar Fabiano e a vizinha E.E.E.F.M. Barão de Igarapé Miri.



E.M. Dom Carlos Coelho

Jaboatão dos Guararapes / PE

Escola de ensino fundamental anos finais e médio, localizada em cidade litorânea de Pernambuco, satélite à capital Recife.

E.M. Prof^a Amilar Evangelista de Oliveira Almeida

Seabra / BA

A escola oferece o ensino fundamental anos finais às crianças e adolescentes de Seabra, município de médio porte e principal centro comercial da região.

Região Centro- -oeste



CEM 111

Brasília / DF

Localizada no bairro Recanto das Emas, distante do centro de Brasília, a escola oferece ensino médio. Para compor o grupo da oficina, participaram crianças e adolescentes do CEM 113.

E.M. Nadejara Polo

Caarapó / MS

Escola em território indígena que atende crianças e adolescentes no ensino fundamental. Seus estudantes são de origem guarani e vivem na aldeia Tey Kue.

Região Sudeste



E.M. Álvaro Botelho

Lavras / MG

Escola atende crianças e adolescentes no ensino infantil e fundamental, anos iniciais e finais. A cidade de Lavras pode ser caracterizada como de médio porte e possui oferta de ensino superior na própria localidade.

E.E Reverendo Urbano de Oliveira Pinto

São Paulo / SP

Escola de ensino fundamental anos finais e médio. Está localizada em São Miguel Paulista, periferia de São Paulo.

Região Sul



Centro Social Marista

Itapejara d'Oeste / PR

Localizada na pequena cidade de Itapejara d'Oeste, a instituição é reconhecida pela comunidade local como referência no atendimento a crianças e adolescentes no contraturno escolar.

Associação Aldeia da Fraternidade

Porto Alegre / RS

A instituição é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve atividades de esporte, cultura e sustentabilidade com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

As Tecnologias da Informação e Comunicação na vida de crianças e adolescentes

Era uma vez um mundo de bolinhas de gude, amarelinha, rádio e visitas à biblioteca. Estas formas de socialização e aprendizado têm se ressignificado aos poucos no cotidiano da vida contemporânea com a chegada do computador, da internet e da telefonia móvel.

Com a nova realidade, o mundo se aproximou. Setores públicos e privados adotaram as tecnologias digitais e diversas empresas passaram a oferecer os serviços necessários para que dispositivos e conexões fossem mais atrativas. Porém, a rapidez com que o mundo se transforma pelo viés dessas novas tecnologias não condiz, necessariamente, com o entendimento do que acontece nestes novos ecossistemas informacionais – além do alcance a todos os estratos sociais.



Com frequência, se escuta nos noticiários como a tecnologia digital tem papel importante para o avanço da medicina, no sistema de geolocalização, no aprendizado sobre fenômenos naturais e até para matar a saudade de quem mora longe. Mas também se ouve sobre golpes cibernéticos, notícias falsas (fake news), abuso virtual, cyber violência (ciberbullying) e os mais variados crimes. Estas mudanças, sejam positivas ou negativas, são mais significativas entre crianças e adolescentes, chamados de nativos digitais, por terem nascido nas décadas de massificação de uso destes dispositivos e serviços.

Por conta disso, é necessário pensar como meninas e meninos estão participando e usando o espaço virtual, o que ele significa e quem são os diferentes agentes envolvidos: responsáveis, educadores, gestores, Estado e sociedade. É preciso prestar atenção neste cenário para garantir que a população jovem exerça seu direito à comunicação de forma assertiva e com a finalidade de melhorar seu contexto pessoal, familiar e social enquanto cidadãos críticos, plurais, afeitos ao diálogo, ao respeito das diferenças nos contextos interculturais e de diversidade – contribuindo para um ambiente democrático e de boa governança.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019, trouxe algumas descobertas nessa área, como o fato de que 3 milhões de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos não são usuários de internet no país. Além disso, 1,4 milhão nunca acessaram a internet e 4,8 milhões vivem em domicílios sem acesso à internet. Em relação aos dispositivos, 58% das crianças e adolescentes usam internet apenas pelo celular e 2% se conectam pelo computador. Sobre as atividades que realizam quando estão conectados, o estudo indica que 83% assistem vídeos, programas, filmes ou séries, enquanto 76% pesquisam conteúdos para seus trabalhos escolares. Dos entrevistados, 68% usam redes sociais e 59% baixam músicas e filmes pela internet.

Lado B do mundo digital

O ambiente virtual dominado pela geração nascida nas últimas décadas também tem seu lado sombrio. O estudo demonstra que 43% das crianças e adolescentes entrevistados viram alguém ser hostilizado na web e 7% da população nessa faixa etária reportou ter se sentido alvo de discriminações.



Essa preocupação não é novidade entre pesquisadores, educadores e organizações. A UNESCO, por exemplo, lançou em 2013 um currículo¹ destinado à formação de professores sobre Alfabetização Midiática e Informacional (AMI). O guia trata de competências que permitem o engajamento junto às mídias e outros meios de informação, desenvolvendo o pensamento crítico e a aprendizagem continuada de habilidades, para fins de socialização e participação cidadã. É importante reforçar que o empoderamento de pessoas por meio da Alfabetização Midiática e Informacional é um importante pré-requisito para permitir que sistemas de mídia e informação livres, independentes e plurais tenham maior competitividade com os grandes veículos de comunicação.

Em 2018 entrou em vigor a Base Nacional Comum Curricular², que determina as aprendizagens essenciais para a Educação Básica e orienta os currículos das escolas públicas e particulares de todo o país. O documento reforça a necessidade de fortalecer a autonomia das crianças e adolescentes por meio

de ferramentas de acesso e interação crítica a diferentes fontes de informação e conhecimento; bem como ao domínio dos elementos indispensáveis relativos a uma produção midiática qualificada, democrática e participativa. Este avanço permite, desde a própria estrutura curricular, a fomentar os melhores usos das novas tecnologias no ensino básico.

Tanto a UNESCO como a BNCC orientam seus esforços para educadores como principais agentes dessa construção



1 Acesse o material produzido pela UNESCO: <http://bit.ly/UNESCOAMI>

2 Navegue pela BNCC: http://bit.ly/BNCC_Base

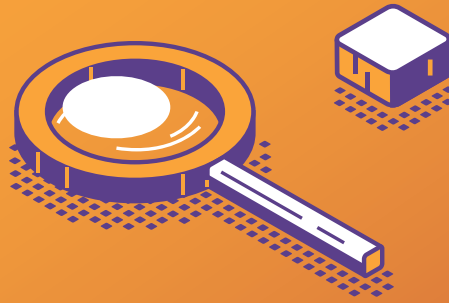
com crianças e adolescentes, mas ainda há a necessidade de ampliar o conhecimento a outros grupos – como pais e familiares, tomadores de decisões, políticos e gestores, comunidades e líderes comunitários, vizinhos, jornalistas, entre outros.

Os próprios participantes do Consulta Brasil identificaram esses atores. O projeto escutou mais de 9.000 pessoas, de 12 a 17 anos, com o objetivo de conhecer o uso das TIC ao redor do Brasil. Este Guia foi criado a partir dos resultados da consulta e é direcionado a adultos, educadores e outros atores do Sistema de Garantia de Direitos – com o objetivo de orientar mediante conceitos, diretrizes, estratégias e referenciais sobre o uso seguro, cidadão e criativo da internet e das TIC por crianças e adolescentes.

Acreditamos que a leitura e a aplicação das propostas aqui presentes contribuirão na melhoria dos processos educativos que adultos constroem com e para crianças e adolescentes, além de ajudar na tomada de decisões para que as desigualdades de acesso diminuam nas diferentes camadas sociais.

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” – Competência 5.

A BNCC relaciona dez competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica.



A relação com as TIC: desafios para uma mediação responsável, dialógica e criativa

Todos os dias, crianças e adolescentes exploram tecnologias digitais para as mais variadas atividades. No Brasil já são 24,3 milhões de meninas e meninos, de 9 a 17 anos, conectados. Nativos digitais e sem medo das tecnologias, crianças e adolescentes navegam com desenvoltura pela web para aprender, se divertir, criar laços afetivos, se expressar. Mas o ambiente virtual também traz riscos que ameaçam a segurança e o bem-estar dessa população. Acessar conteúdo violento ou falso; sofrer ou praticar cyberbullying e discursos de ódio; ter contato com pessoas mal intencionadas; desenvolver uso compulsivo das tecnologias digitais são alguns destes perigos.

Este cenário de oportunidades e ameaças para crianças e adolescentes desafia educadores, responsáveis e familiares. Como contribuir para que meninas e meninos façam um uso seguro e ético da internet e das tecnologias digitais? Qual é o nosso papel? Como superar as barreiras geracionais?

Fazer uma mediação responsável e criativa não depende do conhecimento técnico, mas da disposição para dialogar, orientar, estar presente. Afinal, a ideia é ajudar cada criança e adolescente a proteger sua privacidade, respeitar as pessoas, não disseminar mentiras, ter cuidado no contato com estranhos e nada disso é exclusivo para o mundo virtual.

Separamos abaixo algumas recomendações, com base em tudo que descobrimos ao longo do projeto Consulta Brasil, inclusive ouvindo as próprias crianças e adolescentes. Mas lembre-se, não existem receitas infalíveis, o importante é você se manter atento(a) para as estratégias que dão certo no seu contexto.

Algumas recomendações

Dialogar mais: Melhor do que impor regras e restrições ao uso da internet é dialogar, expor com clareza os critérios que você vai usar para fazer a mediação e estabelecer acordos.

Criar um ambiente de confiança: Ao se sentirem seguros(as), crianças e adolescentes terão mais liberdade para buscar apoio em situações de dúvidas e medo. Não ameace com a retirada dos aparelhos eletrônicos, o medo do castigo pode impedir que eles contem qualquer problema no mundo virtual.

Conversar sobre as atividades online: Converse regularmente, pergunte e dê espaço para que meninas e meninos falem sobre suas experiências online, os conteúdos que acessam; a partir disso, oriente sobre a segurança e a cidadania digital.

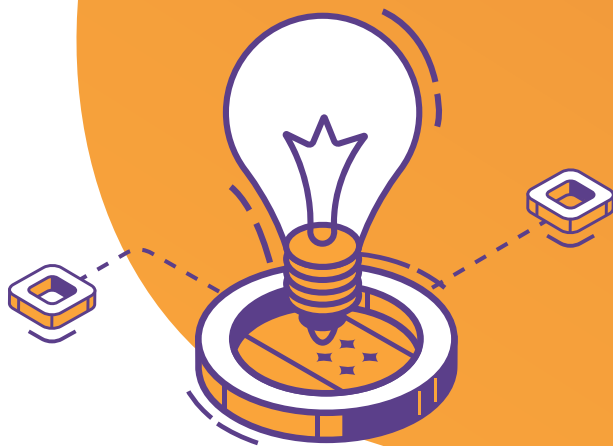
Compartilhar experiência: Reserve momentos para utilizarem as TIC juntos – jogar, conhecer uma plataforma nova, navegar por uma rede social.

Utilize recursos de proteção para crianças: Existe uma série de ferramentas que ajudam a filtrar e/ou bloquear o acesso de crianças e adolescentes a conteúdos inadequados. Saiba mais no link indicado no final desta página.

Saiba mais

A Safernet listou uma série de ferramentas para acompanhar as atividades das crianças na internet. Confira:

http://bit.ly/SaferNet_Mediacao



Oportunidades e desafios no mundo digital

As TIC transformaram a forma de ver o mundo e de participar da vida de nossas comunidades. Nossa cultura passou a ser mediada pelo digital, posto que a vida no âmbito virtual estrutura dinâmicas sociais; dos relacionamentos pessoais à política. Neste contexto surgem transformações positivas para a sociedade; mas também novos desafios.

Não acessar a internet é sofrer exclusão social, mas estar conectado sem preparo para lidar com os riscos também é um problema. Os obstáculos da cibercultura passam pela desigualdade, mas esta não é a única questão a ser solucionada: garantir a qualidade desse acesso também é fundamental.

Nas oficinas do Consulta Brasil, crianças e adolescentes participantes refletiram sobre as oportunidades e os desafios que a cibercultura impõe. Depois, co-criaram um questionário, coletaram respostas e analisaram os resultados. No quadro abaixo, é possível observar as principais respostas coletadas.

Os resultados da pesquisa revelam que crianças e adolescentes são conscientes da realidade da qual fazem parte, não tendo uma visão demasiadamente positiva, nem negativa sobre o uso das tecnologias. A nossa cultura é e será cada vez mais mediada pelo digital – logo, é necessário criar condições para que todos tenham acesso e possam fazer um uso positivo das TIC.

É neste contexto que a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) se mostra essencial, pois se configura como uma forma de investir na potência e proteger a infância e a adolescência.

O processo de alfabetização é um dos mais significativos da vida. Como mostra Paulo Freire, é tornar-se sujeito de si e do mundo, apropriar-se da vida política de sua comunidade, expressar-se e transformar a realidade. Nas últimas décadas, a noção de alfabetização se ampliou e, diante da cibercultura, a aquisição de competências midiáticas e informacionais para lidar com as TIC se mostra tão importante quanto a de leitura e escrita – sendo a responsabilidade de promovê-las não apenas de educadores e responsáveis, mas da sociedade como um todo. Acesse mais conteúdos sobre AMI na Caixa de Ferramentas (página 45).

Oportunidades

- Conhecer melhor o Brasil
- Incentivo aos estudos e leitura
 - Encontrar afeto que se não encontra com as pessoas ao redor
- Socializar com mais pessoas
 - Procurar trabalho
- Aprender coisas úteis e resolver problemas
 - Se informar
- Crianças com deficiência podem melhorar sua qualidade de vida
 - Bom para se divertir
- Leva lazer a espaços que não têm equipamentos culturais

Desafios

- Golpes e trotes
 - Fake News
- Ataques racistas e violentos
 - Exposição à pornografia
 - Influência de comportamentos violentos
- Pode causar dependência
 - Pode prejudicar a saúde mental
- Nem todos têm acesso
- O excesso do uso pode causar problemas
- Segurança dos dados
 - Pode prejudicar a vida social fora da internet



A internet é um direito de todas as pessoas!

Um dos países que sempre aparece nos primeiros lugares em uso de internet, o Brasil engana. De fato, o perfil das brasileiras e dos brasileiros é de grande aderência às redes sociais; mas isso acontece, prioritariamente, nas classes de maior poder socioeconômico. Dados de 2019 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)¹ apontam que 90% das pessoas nas classes A e B são usuárias de internet; porém, nas classes D e E esse índice é de apenas 42%. O estudo também evidencia a diferença de acesso entre moradores das áreas urbanas e das áreas rurais. Nas cidades, mais de 70% fazem uso da internet, contra 44% no campo. Outro triste indicador tem a ver com a escolaridade: as pessoas que menos consomem conteúdos culturais na web são aqueles e aquelas que estudaram até o quinto ano.

A universalização do acesso à internet ainda é um grande desafio nesta nação de dimensões continentais. Desafio este que fica ainda maior se pensarmos que não basta ter conexão; é fundamental também ter uma conexão “de qualidade”, com sinal estável, capaz de suportar aplicações de ponta. Em muitos locais o sinal até chega, mas não aguenta o uso de conteúdos audiovisuais ou de plataformas com interatividade. Você já pensou como seria não poder ver um vídeo que chega pelo WhatsApp? Ou não poder fazer um pagamento no site do seu banco?

¹ Para conferir o estudo completo, acesse: <http://bit.ly/ipea-19>

O maior impacto dessa deficiência, no entanto, se dá entre crianças e jovens. Simplesmente porque são os vídeos, os games, os simuladores, entre tantos outros conteúdos digitais educacionais, que estão permitindo uma transformação da educação. Mas, atualmente, quem se beneficia desse avanço são as escolas particulares. Nas redes de ensino públicas, a realidade é outra.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019 revelou que o principal motivo que faz com que 3 milhões de crianças e adolescentes ainda não sejam usuários de internet é a falta de conexão em casa. Com a pandemia da Covid-19, essa disparidade se escancarou. Obrigadas a respeitar o distanciamento social, as escolas tiveram de optar por aulas remotas, por meio de ferramentas de aprendizagem a distância. Diversos problemas surgiram, evidenciando o quanto o acesso à internet ainda é precário para as populações mais pobres e que moram distantes dos grandes centros. As regiões afastadas, com poucos habitantes, não interessam para a exploração comercial das grandes operadoras de celular. Assim, essas pessoas têm menos oferta desse tipo de comunicação.

Diante da única opção de aulas online, muitos jovens acabaram abandonando a escola por não ter um celular com conexão de qualidade à internet. Outros, precisaram dividir um único computador ou sinal disponível com seus irmãos e seus pais, ficando prejudicados em relação ao tempo para fazer as tarefas. Para minimizar o prejuízo, em São Paulo, por exemplo, o governo do Estado comprou chips de celular com dados móveis e acesso à internet para distribuir aos alunos. No entanto, vários estudantes não tinham sequer um dispositivo de nova geração, capaz de receber um chip ou de suportar a abertura de uma sala de aula virtual.

A internet, sem dúvida, é um instrumento de democratização de acesso ao conhecimento. Com uma conexão de qualidade, todas as pessoas podem ler, estudar, falar, produzir, trocar experiências. Mas, como vimos, este pode ser também um fator para acentuar as desigualdades sociais já tão marcantes em nosso país. Cabe ao governo, portanto, criar políticas públicas que garantam esse acesso a todos os cidadãos e cidadãs. E cabe à sociedade cobrar essas medidas, pois, hoje em dia, poder se conectar à internet é um bem essencial para a sobrevivência e um direito humano tão importante quanto o direito ao saneamento básico, por exemplo.



Aspectos culturais do acesso à internet: tradição em Teyi’Kue

Na aldeia indígena de Teyi’Kue, de origem guarani, em Caarapó (MS), o sinal mal pega e a antena de internet está quebrada desde que foi atingida por um raio. O difícil acesso e a falta de equipamentos adequados para uma conexão de qualidade são problemas enfrentados por muitas comunidades indígenas. Porém, não é só por esta razão que as crianças e os adolescentes da Tey Kue sentem menos necessidade de estarem conectados o tempo todo. Há um trabalho importante realizado na escola em uma disciplina que trata, especialmente, das tradições indígenas; com uma parte teórica e outra prática – como incentivo à pesca, ao plantio e ao artesanato.

Como essa juventude tem outra relação com a internet, os professores acreditam que a população de regiões urbanas da mesma faixa etária é muito antenada nas tecnologias e acaba valorizando menos atividades físicas. Em Caarapó, a prática de esportes é incentivada na aldeia e na escola, que fica aberta aos finais de semana para uso comunitário da quadra esportiva.

Existe um tratado entre adultos, crianças e adolescentes da aldeia em que somente aos 14 anos de idade meninas e meninos podem ter celular e outros equipamentos eletrônicos próprios. Durante as ações do projeto Consulta Brasil, eles contaram que recebem acompanhamento de adultos e participam de debates sobre o uso da internet e das tecnologias digitais. Embora muitas crianças tenham acesso à conexão em casa, as redes sociais não são preferência por lá.



Saúde emocional em tempos de likes e autoafirmação nas redes

Seres humanos têm uma necessidade natural de se conectar e isso foi potencializado na era da internet: as conexões são online e cabem na palma da mão. Mas como essa exposição afeta a saúde mental de crianças e adolescentes?

Segundo estudos da SaferNet¹ e Medley², as redes sociais por si só não geram transtornos psicológicos, mas a qualidade do seu uso pode potencializar algumas questões. Quem sente insegurança com a aparência, por exemplo, pode reforçar esse sentimento ao passar muito tempo vendo fotos, muitas vezes manipuladas, nas redes sociais. A habilidade de se relacionar pode ser afetada com o excesso da tecnologia para mediar relações. Por outro lado, a saúde emocional também pode ser fortalecida em grupos que debatem esse tema nas redes – acessando conteúdos que ajudam a quebrar preconceitos, se engajando em movimentos sociais, falando sobre o que estão sentindo e pedindo ajuda.

A gestão e curadoria de informações exige maturidade e leitura crítica. Com a conquista dessa autonomia, crianças e adolescentes ficam menos expostos a conteúdos que possam deixá-los vulneráveis.

1 Conheça as pesquisas na íntegra: http://bit.ly/SaferNet_UsoExcessivo

2 Conheça as pesquisas na íntegra: http://bit.ly/Medley_RedesSociais

O que dizem os especialistas

A Sociedade Brasileira de Pediatria produziu, em 2016, o primeiro Manual de Orientação #MenosTelas #MaisSaúde³ e atualizou o material em 2020 com dados sobre os impactos das redes sociais na saúde física e mental de crianças, adolescentes e jovens. O manual também traz recomendações para pediatras, responsáveis e educadores.

Cristiano Nabuco de Abreu⁴, psicólogo e coordenador do Grupo Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria da USP, destaca que o uso excessivo da internet e do celular desperta preocupação entre clínicos e pesquisadores. O Grupo destaca alguns sinais de dependência tecnológica:

- Preocupação constante com o que acontece na internet quando não há conexão;
- Usar a conexão para fugir de problemas ou como uma maneira de aliviar sentimentos de culpa e ansiedade;
- Mentir sobre o tempo conectado;
- Diminuição ou piora do contato social e físico com amigos e familiares;
- Pouco interesse em atividades fora das redes;
- Baixo desempenho na escola ou no trabalho;
- Apresentar lesões nas articulações causadas pela má postura no uso dos aparelhos eletrônicos.

O vício em videogames é a única dependência relacionada à internet reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁵ como um dos problemas de saúde mental que constam na 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID). A navegação em excesso da internet, em si, não é descrita como uma doença, mas como sinal de alerta que pode revelar outros problemas enfrentados entre jovens, como a depressão.

A Sociedade Brasileira de Pediatria também destaca que as redes sociais virtuais se tornam um espaço de autoafirmação, no qual o reconhecimento vem

3 Acesso o manual: http://bit.ly/SBP_MenosTelas

4 Para saber mais acesse: http://bit.ly/CristianoNabuco_Dependencia

5 Para saber mais e conhecer a CID 11 acesse: http://bit.ly/SBP_CID11

pela aprovação que outro dá, seja pelos *likes* ou comentários. Nesse sentido, a exposição virtual afeta como esse jovem se relaciona com o próprio corpo e sua sexualidade, manifestando transtornos da imagem corporal e baixa autoestima.

Além disso, destaca a importância da alfabetização midiática e o diálogo com jovens sobre o uso das tecnologias. O foco deve estar nas intencionalidades desses conteúdos, proporcionando o uso seguro e positivo para a saúde mental de cada um. Vale lembrar que a internet pode ser também uma grande oportunidade de potencializar identidades e promover a autoaceitação.

O que dizem as crianças e adolescentes

Existem diferentes tensões relacionadas ao uso excessivo da internet por crianças e adolescentes: o medo de ser controlado pela tecnologia, a impossibilidade de checar todo o volume de informação recebida, os constrangimentos online, a dificuldade de se desconectar ou o medo da dependência.

Nas oficinas do projeto Consulta Brasil, muitos jovens disseram que fazem uso exagerado da internet porque estão carentes, por não receberem atenção das famílias ou por enfrentarem algum problema. Muitos já se viram conectados sem de fato ter interesse no que liam no celular. Para eles, a internet pode atrapalhar a comunicação olho no olho. Além disso, o risco de abuso sexual aumenta quando se está online – a maioria das meninas afirmaram que já foram importunadas por desconhecidos em redes sociais.

Jovens têm consciência da complexidade do ambiente virtual e sabem que precisam enfrentar os dilemas da exposição. Para lidar com isso, eles também vêem que a internet pode contribuir para a aproximação das pessoas e que a relação entre eles melhorou ao acessar conteúdos sobre corpo, sexualidade e identidade.

Discurso de ódio e cyberbullying: o que é e como enfrentar?

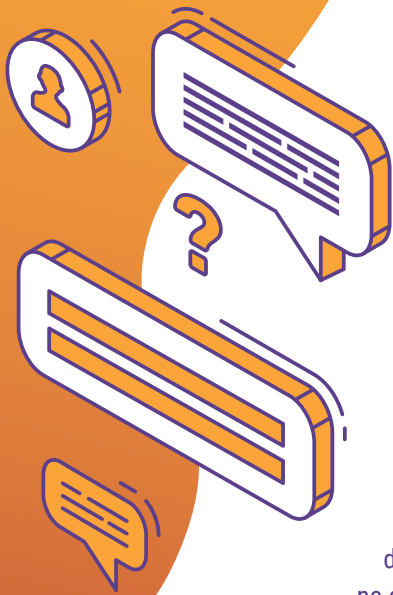
O equilíbrio entre liberdade de expressão, direito garantido pelo Artigo 5 da Constituição Federal de 1988, e o discurso de ódio pode ser muito tênue, sobretudo em sociedades nas quais o respeito à dignidade humana não é um valor central, como é o caso do Brasil. De acordo com a SaferNet, entre os anos de 2005 e 2019, foram feitas mais de 2 milhões de denúncias de manifestações de ódio.

Mas o que configura um discurso de ódio?

Segundo as Nações Unidas, *“não existe uma definição internacional que defina o discurso de ódio. Além disso, a caracterização do que é “odioso” ainda é controverso e contestado (...). O termo discurso de ódio é entendido como qualquer tipo de comunicação na fala, escrita ou comportamento, que ataca ou usa linguagem pejorativa ou discriminatória dirigida a uma pessoa ou grupo com base em quem são, em outras palavras, com base em sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor, descendência, gênero ou outro fator de identidade. Isso geralmente está enraizado, gera intolerância, ódio e, em certos contextos, pode ser humilhante e divisionista.”*¹

Assim, enquanto a liberdade de expressão permite que cidadãos e cidadãs expressem suas opiniões, o discurso de ódio é quando os direitos humanos são violados. Segundo Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), *“todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”*.

¹ Tradução livre. Cf. ONU UNITED NATIONS STRATEGY AND PLAN OF ACTION ON HATE SPEECH , p.2. Maio de 2019. Disponível em: http://bit.ly/ONU_DiscursoDeOdio



As definições da Constituição e da DUDH apontam que os direitos humanos são direitos irrevogáveis a cada indivíduo, e que o discurso de ódio fere essas garantias e afeta, principalmente, grupos minorizados (negros, mulheres, LGBTQIA+, indígenas, imigrantes, pessoas com deficiência, entre outros). Ataques de ódio atuam contra a tolerância, a inclusão, a diversidade e a pluralidade humana. Em resumo, essa destilação de ódio põe em risco a liberdade das pessoas e compromete a atividade democrática da nação. Além disso, oportuniza que violências sejam orquestradas na sociedade, trazendo insegurança e medo.

Dados do SaferLab², um projeto da SaferNet, evidencia que há picos de denúncias e que estes estão *“relacionados a eventos fora da Internet, como as eleições, quando os ânimos se acirram”*. Em outubro de 2018, durante a corrida presidencial, por exemplo, foram contabilizadas 11.983 denúncias de apologia e incitação a crimes contra a vida, assim como 8.160 de xenofobia e outras 2.267 de homofobia.

Os ataques oriundos de discurso de ódio podem ser tanto presenciais como virtuais. Neste último, há um crescimento substancial com as redes sociais, que possibilitam o compartilhamento e a viralização em questão de segundos. Outro constrangimento e violência recorrente atualmente é o cyberbullying.

A etimologia da palavra pode ser entendida da seguinte forma: o vocabulário bully em inglês significa “valentão”, figura esta conhecida pelo teor agressivo e que degrada as pessoas por meio de palavras ofensivas; o sufixo “ing” colado à bully denota um processo contínuo, de persistência; e cyber está relacionado ao ambiente da internet. Logo, cyberbullying é a prática de bullying no ambiente virtual.

2 Conheça o SaferLab http://bit.ly/SaferLab_DO

O objetivo pode variar de caso a caso, mas essa violência tem como características principais:

- Ser constante
- Expor alguém publicamente
- Colocar apelidos difamatórios
- Perseguir, ridicularizar e assediar

O cyberbullying tem os mesmos propósitos que o bullying, mas difere por acontecer na internet e, por isso, pode ter maior capacidade de disseminação.

No Brasil, segundo dados publicados em 2017 pela Norton³, provedora global de soluções de segurança cibernética, crimes virtuais afetaram naquele ano 42 milhões de brasileiros, levando o país a ocupar lugar de destaque em comparação a outros países. Em 2015, a então presidenta da república, Dilma Rousseff, sancionou a Lei 13.185⁴ com o objetivo de estabelecer programas de enfrentamento ao bullying e cyberbullying .

Em ambos os casos, seja de discurso de ódio ou de cyberbullying, é importante que pessoas de confiança da vítima tenham conhecimento das violências e denunciem. Prestar apoio é de suma relevância, por isso, é importante tirar *print* das ameaças e *posts* que explicitam o ocorrido, isso é fundamental para servir de prova.

Conheça os serviços de apoio às pessoas que sofrem violência na internet, criados pela SaferNet:

Canal de denúncia

<http://new.safernet.org.br/denuncie>

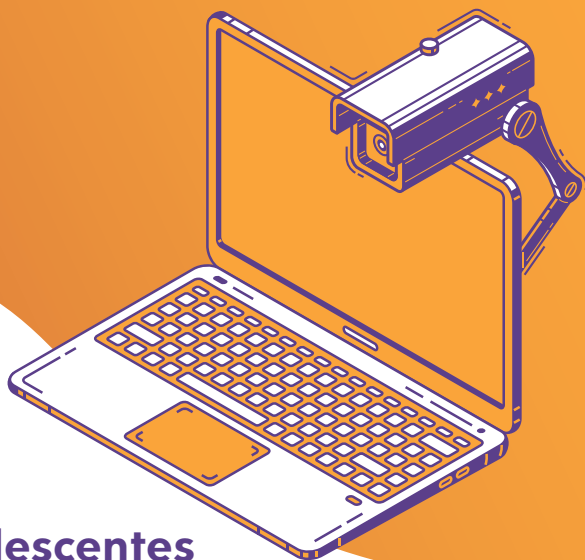
Canal de Ajuda

<http://new.safernet.org.br/helpline>

3 Acesse a pesquisa na íntegra: http://bit.ly/Norton_Seguranca

4 Lei disponível em: http://bit.ly/Lei13185_Bullying

Abuso sexual na internet: os riscos para crianças e adolescentes



O abuso sexual¹ acontece quando um ou mais adultos usam uma criança ou adolescente para sua estimulação ou satisfação sexual, usando de ameaças (física ou verbal) ou de manipulação e sedução. Compreende tanto situações que envolvem contato físico – como penetração, masturbação, sexo oral ou carílicas; quanto aquelas em que não há nenhum tipo de contato, por exemplo, mostrar as partes íntimas, exibir material pornográfico, ou utilizar linguagem erotizada.

Em 2019, o Disque 100 – serviço de denúncia e proteção contra violações de Direitos Humanos² – registrou 86.837 denúncias de violações aos direitos de crianças e adolescentes. A violência sexual foi a quarta mais notificada, com 17.029 denúncias. 82% das vítimas são meninas e o agressor é do sexo masculino em 87% das ocorrências. Os pais e padrastos representam 40% dos suspeitos nos registros e em 73% das vezes o abuso ocorre na casa da própria vítima ou do violador. É importante destacar que essa violência também ocorre com meninos que são, na maior parte dos casos, abusados por outros homens.

1 A Childhood Brasil é uma organização que tem como foco de atuação o enfrentamento do abuso e da exploração sexual contra crianças e adolescentes. Acesse o link para saber mais sobre o tema http://bit.ly/ChildhoodBrasil_Causa

2 Confira o Relatório completo: <http://bit.ly/RelatorioDisque100>

Este é um dos riscos aos quais meninas e meninos estão expostos ao navegarem pela web. Na internet, as principais formas de violência sexual são o abuso online e a pornografia.

Os abusadores agem por meio de perfis falsos em aplicativos de mensagens, redes sociais ou jogos virtuais. Eles podem seduzir, intimidar ou chantagear meninas e meninos para que façam o que eles desejam, por exemplo, enviar fotos íntimas ou assistir conteúdo pornográfico. O abuso online pode chegar ao contato pessoal entre a criança e o criminoso.

Enfrentamento

A violência sexual pode trazer sérias consequências para crianças e adolescentes e enfrentá-la, inclusive no ambiente virtual, é fundamental para garantirmos a oportunidade de desenvolvimento pleno a cada menina e menino.

Para isso, é importante que responsáveis, pais, familiares e educadores acompanhem de perto o que as crianças e adolescentes fazem na internet, criem um ambiente de confiança e diálogo e orientem sobre os cuidados necessários no mundo virtual. Saiba mais sobre o tema, no capítulo sobre mediação parental, na página 14 deste Guia. Veja também, na Caixa de Ferramentas, canais de apoio e denúncias de violência contra crianças e adolescentes.

Sexting

Sexting é uma expressão da sexualidade na adolescência e consiste no envio de fotos e mensagens de texto com insinuações sexuais para outra pessoa, conhecida ou não, via redes sociais ou aplicativos de mensagens. As trocas de *nudes* podem ocorrer por curiosidade, desejo, uma brincadeira entre colegas ou pela pressão de parceiros.

A palavra sexting vem da junção da palavra sex (sexo) + texting (torpedo). Tem origem inglesa e surgiu quando a internet nem era 3G e as pessoas enviavam mensagens de texto de caráter erótico e sexual por sms (Short Message Service).

Fonte: Safernet.

A prática em si não é um problema, mas existem riscos que essa exposição pode trazer. Isso porque a pessoa que compartilha esse material perde o controle sobre o seu uso e disseminação: as fotos podem acabar em sites de pornografia, por exemplo.

Esse cenário fica ainda mais delicado quando se trata de fotos que envolvem nudez infantojuvenil: em 2019 a SaferNet Brasil³ recebeu 46.580 denúncias de pornografia infantil hospedadas em 24.903 sites diferentes, espalhadas em 61 países. Adquirir, possuir, armazenar, disponibilizar ou publicar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou com nudez de menores de idade é crime conforme a Lei 11.829 que alterou os artigos 240 e 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

É importante registrar que, diferente do que muitos imaginam, a internet não é uma terra sem lei. O que é crime no mundo offline é também no virtual – as pessoas podem ser identificadas e punidas. Esse dado é especialmente importante quando pensamos na prática da “pornografia de vingança”, que acontece quando um dos parceiros divulga imagens íntimas do outro propositalmente para constrangê-lo, o que é crime desde 2018 – conforme a Lei 13.718. Outros crimes que ocorrem na internet, principalmente contra meninas, e as leis que protegem as vítimas podem ser conferidos no Guia Meninas em Rede⁴, da SaferNet Brasil.

É bom saber!

A educação sexual é uma aliada fundamental no enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes – dentro e fora da internet. Ela visa, entre outras coisas, preparar meninas e meninos para reconhecerem sinais de abuso, saber como reagir e pedir ajuda.

3 Conheça os indicadores: http://bit.ly/SaferNet_Indicadores

4 Confira o Guia em: https://bit.ly/SaferNet_MeninasEmRede

Exposição de dados, privacidade online e nossa sombra digital

Todos sabemos que basta pesquisar um produto na internet para começar o bombardeamento de propagandas. Porém, muitas vezes, não sabemos o que acontece nos bastidores para que isso seja possível.

Os algoritmos que escolhem o que podemos ver na internet são programas, pedaços de código, que dão origem a processos automatizados de tomada de decisão. Embora hoje em dia nos pareça quase natural, de tão corriqueiro que se tornou, é necessário olharmos com cuidado para o que está por trás disso, uma tarefa difícil, uma vez que raramente a informação a respeito de como sites e aplicativos lidam com os nossos dados nos é disponibilizada de forma clara e direta.

Pesquisas mostram que, embora as pessoas se preocupem com seus dados, nem sempre lêem os Termos de Uso¹. Ou seja: a maioria das pessoas escolhe a facilidade oferecida pelo aplicativo sem considerar as possíveis consequências.

Do que abrimos mão ao conceder acesso aos nossos dados?

Vamos falar um pouco sobre o conceito de sombra digital: à medida que nos movimentamos pelos ambientes virtuais, todas as nossas ações geram dados que podem ser capturados e incorporados a uma espécie de retrato de quem somos – dentro e fora da internet – ao qual não temos acesso diretamente. Esse retrato pode ser utilizado por empresas, governos e até mesmo criminosos com consequências muito reais.

¹ 88,6% dos consumidores se preocupam com o uso de seus dados: <http://bit.ly/PreocupacaoComDados>





Empresas podem fazer uso da nossa sombra digital para direcionar seus anúncios, mas também para, por exemplo, conceder ou não crédito para um determinado consumidor, independentemente de sua real capacidade de pagar a possível dívida. É como se nossa sombra fosse capaz de revelar mais sobre nós do que nós mesmos sabemos a nosso respeito.

Há até empresas que utilizam o *big data* – a capacidade de transformar um grande número de dados em informação útil e relevante – para ganhar eleições. Na campanha de Donald Trump, postagens nas redes sociais foram direcionadas para pessoas cujas sombras diziam que eram eleitores indecisos, com conteúdos diferentes de acordo com os diferentes perfis (o filme *Privacidade Hackeada*² conta essa história).

É muito perigoso que governos autoritários tenham acesso às sombras de cidadãos e cidadãs, podendo chegar ao limite da perseguição política. Conceder ou não acesso a determinados bens, serviços ou mesmo direitos já é uma realidade em alguns países³.

Além disso, nossa sombra também pode ser utilizada por criminosos em fraudes, manipulações e chantagens. Ou seja, ao concedermos acesso aos nossos dados, abrimos mão de parte da nossa liberdade (de escolha, de acesso à informação, ou mesmo a de ir e vir).

Mas e crianças e adolescentes?

Segundo dados do projeto Consulta Brasil, 73% das crianças e adolescentes entrevistados demonstram preocupação sobre o destino de seus dados, e 72% consideram que a escola seria um bom lugar para aprender mais sobre o uso seguro da internet e das tecnologias.

Isso mostra a importância de criar espaços de escuta e diálogo para que suas preocupações e expectativas possam vir à tona. Mais do que gerar um receio

2 Privacidade Hackeada: filme da Netflix traz reflexão sobre privacidade online: <http://bit.ly/PrivacidadeHackeada>

3 Sistema de crédito social proíbe 23 de milhões de pessoas de viajarem na China: http://bit.ly/Credito_China

em relação à internet, fazendo com que crianças e adolescentes se sintam como únicos responsáveis por suas escolhas, é importante oferecer apoio para que não se sintam sós, além de apresentar ferramentas que mostrem caminhos seguros a trilhar.

A boa notícia é que existem muitos materiais gratuitos para nos ajudar nesta tarefa!

Kit Detox de Dados x Juventude⁴

Produzido pelo coletivo Tactical Tech, é um guia que pode ser baixado e impresso. Ele traz uma série de atividades práticas que, ao mesmo tempo que ensinam coisas importantes sobre privacidade online, ajudam crianças e adolescentes a fazerem um “detox de dados” na prática, tornando seus smartphones mais seguros a partir de ajustes nas configurações e escolhas mais conscientes.

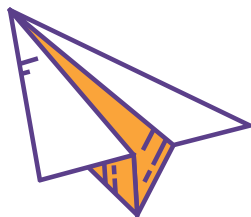
Internet sem vacilo⁵

Material produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) a respeito de temas diversos que são relevantes para crianças e adolescentes em relação ao uso de internet. Com linguagem leve e bem-humorada, tem a participação de *youtubers* famosos, e também disponibiliza um guia com textos e informações.

Finalmente, vale dizer que todas as reflexões presentes neste texto e nos materiais apresentados não valem apenas para crianças e adolescentes – é importante que todos e todas prestemos atenção em relação à maneira de como alimentamos e disponibilizamos nossa sombra digital.

4 <http://bit.ly/KitDetoxDados>

5 <https://www.unicef.org/brazil/internet-sem-vacilo>



Fake News: das disputas por audiência ao negócio da desinformação

Vivemos uma grande exposição à tecnologia com a popularização das redes sociais e a expansão da internet. Temos mais acesso à informações e também à possibilidade de produzir e compartilhar notícias e conteúdos sobre nossas realidades e visões de mundo.

Boatos e notícias falsas não surgiram com a internet. As práticas de manipular informações para alcançar objetivos pessoais e lucro podem ser observadas ao longo de toda a história. Há relatos de que tablóides que circulavam no século XIX disputavam a audiência manipulando informações e criando manchetes sensacionalistas.

A hiperconexão e a infodemia¹, somadas ao negacionismo científico, disseminação de teorias conspiratórias e a crise de representatividade formam terreno fértil para o que alguns estudiosos das Humanidades têm nomeado como a Era da Pós-Verdade.

Pós-verdade é um neologismo² criado para nomear essa era, na qual crenças e valores pessoais assumem posição de verdade estabelecida perante fatos e dados científicos. O termo foi empregado pela primeira vez em 1992 e, em

1 Uma 'epidemia' de informações provocada pelo excesso de notícias sobre determinados temas.

2 Neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Pode ser fruto de um comportamento espontâneo, próprio do ser humano e da linguagem, ou artificial, para fins pejorativos ou não.

2016, foi eleito pela Oxford Dictionaries³ como a palavra do ano na língua inglesa. Na era da pós-verdade, opiniões são vistas como verdade e experiências individuais têm mais valor que o conhecimento científico – momento histórico em que vemos a maior propagação de fake news.

Fake news combinam diversas técnicas para garantir impacto entre as pessoas:

- Títulos apelativos ou vulgares
- Fotos depreciativas
- Distorções de enquadramento
- Imagens e declarações editadas ou descontextualizadas
- Textos sem assinatura e manipulação de endereço IP

Alguns grupos produzem informações para garantir apoio popular em disputas narrativas, pleitos eleitorais e debates sobre políticas públicas partindo do senso comum, de informações sem comprovação científica, ataques à reputação de adversários políticos e falsas certezas. A isso chamamos de desinformação. Diferente de quando alguém divulga uma mentira, a desinformação é provocada pela produção e disseminação intencional, e em larga escala, de fake news com fins políticos ou econômicos.

O que significa deepfake?

É a prática de editar vídeos usando algoritmos de reconhecimento facial, inserindo mensagens ‘no rosto e na voz’ de outra pessoa. Alguns vídeos podem até ser engraçados, mas esse recurso também é utilizado para promover ataques e aumentar a desinformação sobre alguma pessoa ou tema relevante para a sociedade.

³ Departamento da Universidade de Oxford responsável pela publicação de dicionários.

Isso compromete o debate democrático por provocar confusão entre o que é verdade e o que é falso. Quem produz e dissemina fake news aposta na manutenção da crise de confiança nas instituições e na sociedade, desqualificando pessoas, propostas e discussões, transformando qualquer pauta em questão de opinião. A distribuição acontece a partir da análise destes interesses, combinando texto com o apelo emocional necessário para alcançar o maior número de pessoas possíveis, utilizando mecanismos nativos de redes sociais, como o Facebook, o Twitter e o Whatsapp.

Em 2020, ano marcado pela pandemia de Covid-19, uma onda mundial de fake news divulgando responsáveis pela *'criação'* e *'vazamento'* do vírus, possibilidades de cura por medicamentos sem eficácia comprovada, além da utilização de produtos naturais ou químicos na prevenção e tratamento, levou a população a desacreditar no potencial de ação do vírus, nas pesquisas científicas e nas orientações da Organização Mundial da Saúde, dificultando a adoção de medidas para conter a crise sanitária em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Pessoas e grupos se valem da disseminação de notícias falsas para promover ideias, produtos e projetos diversos. As fake news se tornaram um negócio lucrativo, e combater sua disseminação passa pela adoção de algumas práticas que devem ser conhecidas por toda a sociedade – por quem produz e por quem consome conteúdo.

Caminhos possíveis para o enfrentamento da disseminação de fake news

A Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) é recomendada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura como essencial para todos os cidadãos e cidadãs, permitindo que as pessoas aprendam com mais autonomia e utilizem as mídias e a tecnologia de forma crítica e responsável. Dessa forma, as pessoas têm mais elementos para pesquisar e identificar sátiras, opiniões pessoais, montagens e informações falsas que possam confundir e prejudicar a opinião pública.

A Unesco disponibiliza em seu site⁴ uma publicação com currículo para formação de professores baseado na AMI. Dentro do site do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br, está disponível um documento⁵ que elenca diretrizes para a formulação de políticas públicas relacionadas à aplicação da AMI.

A regulação da rede é um importante mecanismo para garantir que usuários e usuárias não tenham seus direitos básicos violados, e a investigação de grupos que produzem fake news garante o combate à desinformação. No Brasil, o Marco Civil da Internet (Lei 12.965/2014)⁶ – um documento construído a partir da participação popular, definiu o direito de acesso, privacidade de dados e liberdade de expressão no ambiente digital. E a CPMI das Fake News⁷ vem investigando a criação e a disseminação de notícias falsas na internet brasileira que podem ter impactado inclusive o resultado das eleições de 2018.

Outra importante prática para o combate à fake news está na checagem. Checar é imprescindível para barrar a disseminação de fake news.

4 <http://bit.ly/UNESCOAMI>

5 http://bit.ly/AMI_Diretrizes

6 http://bit.ly/CD_CPMIFakeNews

7 https://bit.ly/_MarcoCivil

Dicas para identificar fake news

1. Desconfie de informações sem fonte e sem autoria
2. Leia a página 'Quem Somos' / 'Sobre' / 'Expediente' dos sites de notícias
3. Cuidado com títulos e imagens sensacionalistas: leia o texto todo
4. Confira a data da publicação: textos antigos e fora de contexto podem confundir
5. Na dúvida, pesquise sobre o tema na internet
6. Desconfie de textos com muitos erros gramaticais e com muitos adjetivos
7. Desconfie de perfis com muitos números, fotos genéricas e sem atualizações
8. Siga perfis de agências de checagem de dados
9. Desconfiou, não compartilhe!

Agências e projetos de checagem no Brasil

Agência Lupa: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>

Fato ou Fake: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>

Aos Fatos: <https://www.aosfatos.org/>

Boatos.org: <https://www.boatos.org/>

E-Farsas: <https://www.e-farsas.com/>

Painel CNJ: <http://bit.ly/CNJPainel>

UOL Confere: <https://noticias.uol.com.br/confere/>

Truco da Agência Pública: <https://apublica.org/truco-antigo/>



Vamos para a parte prática?

A próxima seção é dedicada a quem quer colocar em prática os aprendizados adquiridos na leitura deste Guia – bem como apoiar meninas e meninos no uso seguro, criativo e cidadão da internet e das tecnologias digitais. Nas próximas páginas, você encontra oito roteiros com propostas de atividades sobre alguns dos assuntos que discutimos por aqui.

#Ficaadica

- Prepare com antecedência as atividades. Calcule o tempo, providencie o espaço e os recursos necessários.
- Leia o texto correspondente ao tema da oficina, ele te ajudará a ampliar o repertório para discutir com a turma. Além disso, você pode conferir a Caixa de Ferramentas, onde vai encontrar mais sugestões de materiais bem legais!
- Adapte os roteiros conforme o tempo disponível e o tamanho do grupo com o qual vai trabalhar. Considere a faixa etária na abordagem do tema.
- Respeite e valorize o repertório de crianças e adolescentes, procure abordar o tema a partir da experiência do grupo.
- Incentive a participação de todos(as) participantes nas discussões.
- Lembre-se! A ideia não é julgar e/ou condenar a forma como meninas e meninos usam a internet e as tecnologias digitais, mas criar um espaço de diálogo, no qual possam refletir sobre os comportamentos online e, com base em informações confiáveis, adotar uma atitude segura e cidadã no mundo virtual.
- Faça uma pré e pós-avaliação para mensurar o impacto das formações na vida e no conhecimento de cada adolescente. Para isso, basta elaborar questionários simples sobre os temas tratados nas oficinas para serem respondidos antes e depois das atividades.



Relação com a internet

Objetivo: Refletir sobre as potencialidades, riscos e desafios proporcionados pela internet.

O que você vai precisar: Folha sulfite, cartolinas e canetinhas.

Atividade 1: Divida os jovens em 3 grupos e indique um espaço (Estação) previamente preparado para cada um – com cartolina e canetinhas disponíveis.

Explique que cada grupo irá discutir uma pergunta por um tempo determinado (estabeleça o tempo conforme sua programação) e, em seguida, trocar de estação para discutir outra pergunta. Sugerimos 3 estações, mas você pode adaptar isso conforme o tempo disponível e o tamanho do grupo.

Peça para cada grupo escolher uma ou um representante. Essa pessoa será responsável por registrar os principais pontos da discussão. Ela também tem o papel de atualizar o grupo que chegou na estação sobre o que já foi discutido e registrar as novas ideias. Por isso, permanecerá na mesma estação em todas as rodadas.

Estação 1 – Qual importância da internet na sua vida?

Estação 2 – O que você faria se não tivesse mais internet?

Estação 3 – Todo mundo usa a internet da mesma maneira?

Por fim, peça para cada representante, com apoio do grupo, apresentar os principais pontos que surgiram. Aproveite para aprofundar aspectos da relação com internet.

Atividade 2: Também em grupos, os jovens devem produzir um *Quiz* de, no máximo, 5 perguntas para ser respondido por outro grupo. As perguntas devem abordar temas diversos sobre a relação deles com a internet, por exemplo:

- Quantas horas você fica online por dia?
- Conversa mais com amigos virtuais do que com amigos fora da internet?

Dê um tempo para os grupos elaborarem o *Quiz*. Em seguida, peça para os grupos trocarem o *Quiz* entre si e dê mais um tempo para responderem às questões.

Encerramento: Conduza uma breve discussão sobre as respostas do *Quiz* e finalize a atividade.



Privacidade e exposição virtual

Objetivo: Contribuir para que adolescentes desenvolvam critérios seguros para o compartilhamento de informações no mundo virtual.

O que você vai precisar: Fita adesiva, folha de sulfite, canetas, equipamento para exibição audiovisual.

Atividade 1: Divida o espaço em dois ambientes com uma fita no chão e coloque uma folha identificado o que cada um representa: 1) local público (praça, escola ou outro); 2) redes sociais.

Leia as ações abaixo e peça para os participantes se posicionarem no local que se sentiriam mais à vontade para fazer cada uma delas.

- Mostrar foto do meu almoço/jantar
- Dar uma indireta/shade para alguém
- Postar uma foto íntima
- Entrar numa discussão sobre algum tema polêmico
- Divulgar dados pessoais sobre mim e minha família
- Compartilhar coisas pessoais com desconhecidos

Antes de finalizar, exiba o vídeo sobre privacidade da campanha Internet Sem Vacilo <https://www.unicef.org/brazil/internet-sem-vacilo> e converse com o grupo sobre a atividade.

Atividade 2: Divida a turma em 3 grupos e dê uma situação-problema a cada um. Eles devem discutir e propor encaminhamentos.

- Uma jovem enviou fotos íntimas para seu namorado e colegas da escola receberam as fotos sem o consentimento dela.
- Meu amigo tem feito publicações que expõem o endereço, a escola e os lugares que ele frequenta aos finais de semana.
- Um menino está em um jogo online e um amigo virtual pede seu contato para conversarem pelo WhatsApp.

Encerramento: Apresentação dos grupos e discussão final.

#Ficaadica

Vídeos sobre privacidade na rede:

<http://bit.ly/PrivacidadeEmRisco>

http://bit.ly/GNT_Privacidade



Exposição virtual e rastro digital

Objetivo: Informar sobre o rastro digital e os riscos decorrentes da exposição virtual.

O que você vai precisar: Tiras de papel, canetas, sacola, equipamento para exibição audiovisual.

Atividade 1: Peça para cada participante escrever, em uma tira de papel, algo sobre si que o restante do grupo não saiba – por exemplo: toco um instrumento musical. É importante destacar que deve ser algo que eles sintam à vontade para compartilhar. Coloque as tiras dobradas dentro de uma sacola e cada pessoa deve sortear uma (se alguém sortear a própria tira, terá de devolver e pegar outra). A ideia é tentar adivinhar de quem é o papel sorteado. Siga a sequência até que todos tenham participado.

Atividade 2: Exibição de “O Vidente” <http://bit.ly/VidenteAdvinha>

Use a versão do *Fantástico* se o grupo tiver dificuldade com a legenda.

Promova uma roda de conversa sobre o vídeo e articule com a atividade inicial da oficina, na qual revelaram algo de forma consciente.

- Vocês já tinham pensado sobre a exposição de dados na internet?
- Vocês refletem sobre o que compartilham na internet e sobre o alcance que uma postagem pode ter?
- Vocês acham possível que alguém que não conhecem saibam tanto da sua vida quanto seus familiares, só pelas redes sociais?

Quais as possíveis consequências da exposição dos nossos dados na internet?

Encerramento: Incentive os e as participantes a compartilharem um aprendizado da oficina.

#Ficaadica

O Vidente | Versão Fantástico:
http://bit.ly/Fantastico_Vidente

Vídeos sobre privacidade e rastro digital:

<http://bit.ly/NerdologiaTech>

http://bit.ly/Privacidade_Internet



Segurança na internet

Objetivo: Proporcionar a autoavaliação sobre os riscos aos quais meninas e meninos se expõem na internet e estimular uma atitude de autoproteção.

O que você vai precisar: Cartela do bingo (página 42) impressa e canetas, tarjetas de papel com as mesmas informações do bingo dobradas dentro de um saco ou caixa para o sorteio.

Atividade 1: Distribua a cartela para cada participante. Explique as regras e apresente as premiações para quem preencher uma linha horizontal, vertical, diagonal ou cartela cheia. Recomendamos que as premiações sejam simbólicas. A ideia não é estimular a competição ou o desejo pelo prêmio, mas o processo de diversão e aprendizado.

Sorteie um papel por vez e leia a afirmação. Aguarde que os e as adolescentes marquem na cartela. O bingo pode ser encerrado quando você “cantar” todas as afirmações ou quando alguém preencher uma linha.

Isso vai depender do tempo que o grupo tem disponível.

Atividade 2: Apresente e discuta com o grupo as dicas de proteção que constam na página seguinte, articulando com as marcações que fizeram na cartela de bingo. Tire dúvidas e incentive os e as adolescentes a participarem compartilhando suas experiências.

Finalização: Apresente canais nos quais é possível fazer denúncias <https://bit.ly/Safernet-Denuncie> e buscar apoio <https://bit.ly/Safernet-Helpline> em caso de violações pela internet. É importante encorajar as meninas e os meninos a procurarem um adulto em quem confiem para compartilhar e pedir ajuda, caso sofram qualquer tipo de violação no ambiente virtual.

Dicas de proteção

Use senhas seguras

- Não use datas, nomes ou palavras facilmente relacionadas a você.
- Misture números, letras e caracteres especiais – como o @.
- Não use a mesma senha para todas as suas contas.
- Não conte sua senha para ninguém.
- Use autenticação em duas etapas sempre que possível.
- Use sempre senhas ou telas de bloqueio no celular e computador.

Navegue com segurança

- Evite navegar em sites que não tenham o cadeado na barra do link.
- Sempre clique em <SAIR> das contas antes de fechar a página.
- Não clique em links enviados por pessoas ou empresas que você não conhece.
- Instale um antivírus no computador e no celular.

Proteja sua privacidade

- Use os mecanismos de privacidade das redes sociais, como deixar o Instagram fechado; escolher quem pode ver suas postagens no Facebook.
- Mantenha a câmera e microfone do seu computador coberta com um adesivo.

- Se for encontrar alguém que conheceu pela internet, marque em local público e movimentado. Não vá sozinho/a.
- Não poste fotos nas quais seja possível identificar onde você mora, estuda, trabalha.
- Evite enviar nudes. Se resolver enviar, não mostre nada que possa te identificar, como marcas, tatuagem ou cicatriz.

Seja cidadão nas redes

- Não ofenda ou deboche das pessoas por sua raça, gênero, sexualidade, deficiência.
- Não compartilhe e não encoraje discursos preconceituosos.
- Use opções como silenciar, bloquear e denunciar caso veja algo inapropriado.

Combata as Fake News

- Leia o texto todo e, na dúvida, não compartilhe.
- Pesquise sobre o tema em diferentes fontes.
- Desconfie de textos sensacionalistas, sem fonte e sem autoria, com erros gramaticais e muitos adjetivos.
- Confira a data da publicação.
- Siga os perfis de veículos de jornalismo profissional e as agências de checagem de dados.

Cartela do bingo da internet segura

B	I	N	G	O
Uso senhas fortes	Desligo a câmera e microfone dos aparelhos	Não envio nudes, nem deixo que façam imagens íntimas minhas	Não faço downloads de sites em que não confio	Checo antes de compartilhar
Sempre dou logout nas minhas contas	Não clico em links desconhecidos	Não adiciono desconhecidos nas redes	Não uso as redes sociais para ofender pessoas	Deixo desativada a localização dos aparelhos
Não acesso dados pessoais quando estou em wi-fi público	Tenho antivírus instalado	Tenho senha diferente para cada conta	Nunca repasso nudes ou fofocas que recebo	Eu sempre faço pesquisas em mais de uma fonte
Nunca revelo minha senha pra ninguém	Uso guia anônima para navegar na internet	Uso bloqueio de tela nos aparelhos eletrônicos	Não faço nem endosso discurso de ódio nas redes	Eu sempre penso antes de postar algo que me exponha
Troco minhas senhas com frequência	Uso mecanismos de privacidade das redes sociais	Meu perfil do Instagram é fechado	Nunca encontrei sozinho/a com uma pessoa que conheci pela internet	Sei procurar ajuda se sofrer alguma violação na internet



Ciberbullying e discurso de ódio

Objetivo: Explorar e refletir a vivência de meninas e meninos com o ciberbullying e favorecer uma atitude cidadã na internet.

O que você vai precisar:
Celulares para gravação.

Atividade 1: Promova uma roda de conversa sobre o tema.

- O que é bullying e ciberbullying?
- Até que ponto uma piada é brincadeira?
- O que é opinião? E preconceito?
- Quais são as consequências para quem faz e quem sofre ciberbullying?

Atividade 2: Divida-os em quatro grupos. Cada um receberá uma situação-problema e a partir dela pode criar um vídeo, spot ou esquete sobre como alunos/as e a escola devem agir para enfrentar o ciberbullying e o discurso de ódio.

- Algumas pessoas estão sendo alvo de ciberbullying e um(a) jovem sofreu um ataque a caminho de casa. Você tem quase certeza de quem foi, mas têm medo de falar porque recebeu mensagens para não contar nada.
- Seus amigos(as) criam um perfil falso para fazer piada e contar mentira sobre o colega novo que entrou na escola e pedem que você compartilhe.
- Você foi motivo de zoeira e risadas por conta de alguma característica sua relacionada ao seu gênero, a sua raça, aparência ou orientação sexual.
- Recebeu mensagens com xingamentos nas redes sociais de perfis que não conhece. Algumas das mensagens te assustam.

Encerramento: Compartilhe a produção dos grupos com a sala. Pergunte o que acharam da atividade e o que foi mais difícil para eles/as.

#Ficaadica

Acabar com o Bullying
#ÉDaMinhaConta – <http://bit.ly/VideosBullying>

Saiba como evitar, denunciar e ajudar quem é vítima – <http://bit.ly/InfograficoBullying>

Devo denunciar? – <http://bit.ly/QuandoDenunciar>



Fake News I

Objetivo: Desenvolver um compromisso ético na comunicação e capacitar adolescentes para identificar notícias falsas.

O que você vai precisar: Quatro notícias verdadeiras e quatro notícias falsas impressas¹ e equipamento para exibição audiovisual.

Atividade 1: Promova uma breve roda de conversa com o grupo para introduzir o assunto:

- O que são fake news?
- As fake news sempre existiram ou são um fenômeno recente?
- Quem ganha se uma notícia chocante for compartilhada?

Em seguida, exiba o vídeo 'Panorama: 80 Anos da Guerra dos Mundos' <http://bit.ly/PanoramaFakeNews> até o minuto 6'06". E aprofunde a conversa com o grupo:

¹ Ver sugestões da EducaMídia: <http://bit.ly/DesafioFakeNews>

- Vocês costumam checar as informações que recebem?
- Quais fake news mais impactantes já receberam?
- Quais os impactos das fake news?

Atividade 2: Divida a turma em pequenos grupos. Dê para cada grupo uma notícia de maneira que as verdadeiras e falsas sejam distribuídas na mesma quantidade. Cada grupo terá um tempo determinado para verificar se a notícia é verdadeira ou falsa e anotar como chegaram a essa conclusão. Um(a) representante será responsável por defender o posicionamento no grupo perante a sala.

Finalização: Construa com o grupo um mural sobre "**Como identificar fake news**" para ficar disponível para todos(as) na escola.

#Ficaadica

Orson Welles e invasão da Terra veiculada na rádio: <http://bit.ly/OrsonWellesNoRadio>

EducaMídia | Educação para a informação: <http://bit.ly/MidiaMakersPaper>

Cartilha Cert.br: <http://bit.ly/CartilhaBoatos>



Fake News II

Objetivo: Discutir checagem de notícias, de reconhecimento e denúncia de fake news.

O que você vai precisar: Papel celofane colorido e equipamento para exibição audiovisual.

Atividade 1: Entregue um pedaço de papel celofane para cada participante e peça para que cubram os olhos. Pergunte que cor estão vendo a sala de aula, roupas, objetos.

- Como esse filtro impacta a visão?
- Esse exercício diz algo sobre nossa vida e a forma como enxergamos as coisas?

Em seguida, exiba o vídeo 'Por que você acredita em Fake News?' <http://bit.ly/NerdologiaFakeNews>, do canal Nerdologia. Discuta com o grupo sobre o viés de confirmação. E converse sobre as diferenças entre textos opinativos e informativos.

Atividade 2: Divida a turma em grupos e peça para cada um criar uma campanha de comunicação com foco na conscientização da

comunidade sobre Fake News. Depois de decidir o público, as estratégias e o mote da campanha, os grupos devem criar ao menos um produto de comunicação: pode ser meme, cartaz, spot, vídeo ou qualquer outro.

Encerramento: Finalize enfatizando a importância de uma comunicação ética e responsável, comprometida com a verdade.

#Ficaadica

EducaMídia | Slides para usar em aula – <http://bit.ly/SlidesAulaFakeNews>

É foto ou edição? – <http://bit.ly/FotoOuFake>



Cidadania digital e ciberativismo

Objetivo: Assegurar que meninas e meninos tenham o repertório necessário para exercerem a cidadania digital e incentivar o ciberativismo.

O que você vai precisar: cartolinas e canetinhas.

Atividade 1: Peça para o grupo fazer duas rodas, sendo uma dentro da outra, de modo que as pessoas fiquem frente a frente. Explique que terão 1 minuto para conversar sobre o que aprenderam de cada tema que você anunciar. Quando você disser “Rodou”, o círculo de dentro gira e o de fora permanece no lugar, de modo que as duplas mudem. Então, você diz o próximo tema e repete o processo.

- Privacidade e exposição virtual;
- Segurança Digital;
- Cyberbullying;
- Fake News.

Com todo o grupo, retome alguns dos principais pontos discutidos nas oficinas anteriores e apresente o conceito de cidadania digital. Ou seja, o direito e o dever de utilizar a internet de forma responsável e cidadã, tendo acesso às informações e recursos necessários para isso.

Atividade 2: Depois que a turma já refletiu sobre a internet, que tal explorar as ideias de como usá-la para participar da vida política do país, defender e promover causas?

Divida o grupo em duas ou mais equipes. Cada uma terá de escolher uma causa na qual acredita e criar uma campanha de mobilização para ser veiculada virtualmente.

O grupo deve pensar em quais ações online podem ajudar a promover a causa: petições online, eventos no Facebook, correntes no WhatsApp, uma série de posts nos stories.

Encerramento: Proponha que, em poucas palavras, cada participante faça uma avaliação do ciclo de oficinas.



Caixa de ferramentas

A gente separou várias dicas de materiais – sites, cartilhas, projetos, canais – para te ajudar a se aprofundar nos temas e desenvolver atividades com a galera. Confira!

Pesquisas

Pesquisa TIC Kids Online Brasil

<http://bit.ly/TICKids>

Realizada anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), traz uma série de dados e análises fundamentais.

Pesquisa Juventude e Conexões

<http://bit.ly/JuventudeConexoes>

Iniciativa da Fundação Telefônica, a pesquisa realizada pela Rede Conhecimento Social aborda a relação de adolescentes com a internet a partir de diferentes recortes, como educação, empreendedorismo e participação.

Guias, cartilhas e manuais

Cartilha de Segurança para a Internet

<http://bit.ly/CartilhasCert>

Neste material produzido pelo Cert.br, você acessa diversos materiais sobre uso seguro da internet, disponíveis para download.

Saferdicas: Brincar, estudar e... navegar com segurança na Internet!

<http://bit.ly/Saferdicas>

Cartilha com diversas dicas de uso seguro da internet, produzida pela Safernet Brasil.

Navegar com segurança: por uma infância conectada e livre da violência sexual

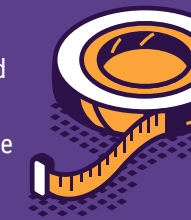
<http://bit.ly/CartilhaChildhoodBr>

Cartilha produzida pela Childhood Brasil, voltada para famílias e educadores, sobre proteção online de crianças e adolescentes.

Internet Segura

<http://bit.ly/CartilhaInternetSegura>

Cartilha voltada para crianças e adolescentes com dicas de proteção



online. É uma produção do Cert.br; Nic.br e CGI.br.

Criança e adolescente na Internet: Como proceder diante da notícia de violações aos direitos humanos na rede

[http://bit.ly/
Cartilha-Infancia-e-Internet](http://bit.ly/Cartilha-Infancia-e-Internet)

Cartilha produzida pelo Ministério Público de Pernambuco; aborda os riscos a que crianças e adolescentes estão expostos no ambiente virtual e traz orientações jurídicas de como denunciar as violações.

Ódio Não

<http://bit.ly/ManualOdioNao>

Manual para o combate contra o discurso de ódio online através da Educação para os Direitos Humanos, criado pela Fundação Calouste Gulbenkian (em português de Portugal).

Apostila para Prevenção do cyberbullying dirigida aos adolescentes

<http://bit.ly/PrevencaoCyberlulling>

Material criado pela Plan International Brasil, Visão Mundial e Cartoon Network, traz conteúdos

para promover a boa convivência com os demais na internet e aprender como agir diante de uma situação de cyberbullying.

Guia Internet Sem Vacilo

<https://uni.cf/35Qv8M9>

Material da Campanha Internet Sem Vacilo, iniciativa do Unicef que aborda temas sobre segurança digital.

Revista Viração edição 113 – Juventude e internet

<http://bit.ly/Vira113>

Edição especial da Viração, traz diversos textos, entrevistas, linha do tempo e enquetes sobre as percepções de adolescentes e jovens sobre a relação com a internet e as TICs.

Sites, portais e canais

Internet segura

<http://bit.ly/Portal-InternetSegura>

O portal é uma iniciativa do Comitê Gestor da Internet no Brasil, reúne conteúdo multimídia de conscientização sobre segurança e uso responsável da internet no

Brasil, voltado para diferentes públicos.

Canal de Ajuda da SaferNet

<https://bit.ly/Safernet-Helpline>

Canal de atendimento sigiloso orienta sobre crimes e violações dos Direitos Humanos na internet.

Safernet

<http://bit.ly/SafernetBrasil>

Site da Safernet Brasil, uma das principais referências sobre segurança digital de crianças e adolescentes. Nele você encontra uma série de conteúdo sobre o tema.

Canal Futura – Série Que Abuso é Esse?

<http://bit.ly/SerieQueAbuso>

Série do canal Futura em parceria com a Childhood Brasil sobre a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes.

Educamídia

<http://bit.ly/EducaMidia>

Site do Educamídia, programa voltado à Alfabetização Midiática e Informacional, traz artigos, planos

de aulas, cursos e outros conteúdos relevantes.

Canal do NIC.br

<http://bit.ly/CanalNICbr>

O canal do NIC.br tem playlist sobre diversos temas, muitos dos quais estão aqui no Guia.

Canal do Instituto Alana

<http://bit.ly/Canal-InstitutoAlana>

O canal do Instituto Alana também tem uma série de vídeos com especialistas tratando da relação de crianças e adolescentes com o mundo virtual.

Agências de checagem

Sites especializados em checar a veracidade de notícias e dados que circulam na internet.

Lupa <http://bit.ly/Agencia-Lupa>

Fake ou News <http://bit.ly/FakeOuNews>

Fato ou fake <http://bit.ly/Fato-Ou-Fake>

Aos fatos <http://bit.ly/Agencia-AosFatos>

Truco <http://bit.ly/APublica-Truco>



CONSULTA BRASIL

Realização:



Financiamento



SECRETARIA NACIONAL DOS
DIREITOS DA CRIANÇA
E DO ADOLESCENTE

MINISTÉRIO DA
MULHER, DA FAMÍLIA E
DOS DIREITOS HUMANOS

